ANNO XV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 21 DE ABRIL DE 1901 N.º 888 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 89

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

A carta do papa ao celebre Frei José dos Qurações acabou de provar as affirmações dos nossos dois ultimos artigos, isto é, que sendo o papa jesuita, jesuita ha de ser o alto clero, que sendo o alto clero jesuita, jesuita ha de ser o baixo clero, que sendo jesuita o alto e baixo clero, os liberaes fazem uma triste figura quando appellam para o clero contra o jesuitismo, e que estando os liberaes no triste engano d'alma de esperar auxilios do clero contra o jesuitismo e de confiar no *liberalismo* da padralhada que anda a vomitar asneiras nos papeis reaccionarios e dos pulpitos, toda a questão que ahi vae não passará d'algazarra, *ficando tudo como d'antes quartel general em Abrantes.*

Este é o facto. Infelizmente!

Não perdemos tudo. Ganhámos mesmo alguma coisa. Ganhámos o valor e o effeito da propaganda, que foi geral e intensa nas ultimas semanas. Mas mais nada. E, concordarão todos, isto foi pouco. Em obras, em actos consummados e de valor pratico ficaremos na mesma ou peior do que estavamos.

A propria propaganda tem sido abertamente contrariada pelos poderes publicos, que não teem sido de modo algum, diga-se a verdade e faça-se justiça, favoraveis á causa liberal. Os liberaes, temo-lo sempre dicto, são geralmente uns patetas. O termo será um pouco aspero, mas nós empregamo-lo porque não encontramos outro mais expressivo. Desculpem, que já conhecem a nossa lealdade e a nossa franqueza na discussão e na propaganda.

São uns patetas porque se deixam levar pelas primeiras impressões, sem mais raciocinio, sem mais criterio, sem mais pensamento, sem mais plano e, portanto, sem nenhuma consistencia nas idéas, sem nenhuma coherencia na conducta, sem nenhuma persistencia na propaganda.

Andam a dar vivas ao rei—que ámanhã accusam de fazer despotismo como tantas vezes o teem accusado, se o rei fizer contra elles o que elles agora esperam que faça contra os outros, isto é, governo pessoal—andam a bater palmas ao ministerio e nem sequer reparam que as vantagens praticas por emquanto são todas dos clericaes, á parte esses fogaréos de molhos de vide—o enthusiasmo liberal—que as altas regiões deixam arder, porque sendo perigosos no primeiro impeto como todo o fogo de labareda, não offerecem perigo nenhum com certos cuidados, porque se extinguem logo.

Por emquanto a nossa propaganda tem sido abertamente contrariada, porque só nos tem sido permittida a propaganda da imprensa e esta mesma com as constantes restricções a que está sujeita a liberdade de imprensa em Portugal. Os clericaes teem tido ao seu dispôr os mesmos elementos jornalisticos e além d'isso o recurso do pulpito e das conferencias.

Os comicios liberaes teem sido prohibidos. Mas os padres dizem do pulpito impunemente quanto querem. Os sermões são os seus comicios. Nas egrejas, que são amplas, podem-se reunir milhares d'ouvintes. Ahi os temos nós reunindo comicios a toda a hora sem a obrigação de pedir licença á auctoridade, nem receio algum d'ella intervir.

Comicios em condições excepcionalissimas de tolerancia e de liberdade.

Mas não póde intervir o governo? Póde. Não intervem porque não quer. Aqui o demostrámos já na série d'artigos que vimos publicando ha mezes, que começámos publicando quando ninguem falava ainda em clericalismo nem se importava com isso.

Aqui o demonstrámos com as portarias de 15 de Julho de 1862, em que o ministro da justiça, Gaspar Pereira da Silva, recommendava, por um lado, aos prelados que exhortassem e admoestassem o clero das suas dioceses para que nos sermões, práticas e discursos religiosos se abtivessem de tratar e discutir assumptos politicos, e ordenava, pelo outro, aos agentes do ministerio publico que promovessem *sem demora* a formação do processo competente aos padres que exorbitassem.

Porque não fez ainda o mesmo o ministro da justiça do governo actual? Como é que prohibindo-se affrontosamente os comicios dos liberaes, calcando-se para isso a lei aos pés, se permitte que os padres digam quanto queiram nos seus comicios d'egreja?

Não vêem isto os liberaes?

Se vêem, em que se baseiam essas explosões de enthusiasmo de vivas ao rei e palmas aos ministros?

Ou isto ha de morrer como tem sido desde o tempo de D. João III, desde que cá entrou o jesuitismo, o fanatismo, a camba-da estupida e má da clericalha omnipotente: um paiz de doidos e só um paiz de doidos? Não arrancaremos de cima de nós esta etiqueta de miseria moral, de aviltamento intellectual?

Francamente: não queriamos dizer isto; apezar de vermos desde o principio o mau rumo que as coisas iam tomando, não tinhamos vontade nenhuma de erguer o grito da dissidencia, bem poderia acontecer que as coisas viessem a entrar n'outro caminho, como é o desejo de todos. Mas já não é permittido o silencio. Chegámos ao ponto de cada um ter de salvar a propria dignidade.

Sim, o caso é este: quem tem convicções sólidas, fundadas na observação dos factos e no estudo da historia, tem que as salvar safando-se do abysmo da inconveniencia em que a grande massa d'este paiz se precipita a cada instante.

Quem tem sciencia e consciencia de si, não póde ir atraz de impressões de momento, que nada, aliás, auctorisa e justifica.

Ainda se essas impressões fossem filhas d'uma apparencia de realidade, vá. Só os espiritos profundos sabem lêr nas entrelinhas. Mas não: o engraçado do caso é que as proprias apparencias são contrarias á causa liberal, como vimos dizendo. E então, repetimos tambem, só n'um paiz onde a insania domine como onda invasoura, se comprehende o que se está passando ahi.

Além da liberdade de tribuna, além da liberdade do comicio na egreja, teem os padres a liberdade da conferencia, liberdade que os poderes publicos, aliás illegalissimamente, estão arrancando aos liberaes. O sr. Theophilo Braga não poude realisar ha dias uma conferencia em Lisboa. Em todos os pontos do paiz teem sido dissolvidas as reuniões feitas nas salas de varias associações de caracter civil. Mas o patriarcha realisa a toda a hora as conferencias e reuniões que quer n'um edificio do estado e com a declaração prévia de que se vae conspirar contra as leis do mesmo estado!

E viva! Viva! Viva quem manda! Viva quem póde, que está salva a liberdade!

Em Aveiro nomeou-se uma commissão para examinar os conventos e dar o seu parecer sobre elles. D'essa commissão faz parte um renegado, um reaccionario que depois de ter sido republicano e companheiro enthusiasta do *Povo de Aveiro* na campanha iniciada e sustentada ha annos por este periodico contra as irmãs da caridade, mettidas arbitrariamente no hospital civil d'esta cidade, condemnou o mesmo *Povo de Aveiro*, como juiz, por suppostas offensas á religião do estado, n'um artigo que os juizes da Relação do Porto, que nunca tinham sido republicanos, nem nossos companheiros enthusiastas, nem nossos admiradores, absolveram unanimemente por não conter offensas nenhumas á tal religião.

Vejam que garantias não offerece á liberdade este syndicante d'Aveiro!

Em Vizeu, uma das terras mais reaccionarias do paiz, onde se encontram irmãs da caridade a cada esquina e beatas nojentas em cada viella e em cada salão, declara o *Commercio de Vizeu*, orgão do governador civil, que não ha *coisa nenhuma!*

No Porto, syndica o ensino, ministrado nos collegios jesuiticos, o reitor do lyceu, que é a quinta essencia do jesuitismo.

Em Braga é governador civil um jesuita de casaca dos mais retintos.

Mas viva quem póde e quem manda! Viva! Viva, que está triumphante a liberdade!

Até aqui os jesuitas estavam sob a pressão da illegalidade. A lei prohibia-os e isto incommodava-os. De um momento para o outro, qualquer incidente grave poderia compellir os governos a cumprir a lei. Agora vão ser legalisados! Já o disse o sr. Hintze Ribeiro. Di-lo Marianno de Carvalho no *Popular*. Segundo Marianno de Carvalho, as leis do Marquez de Pombal e de Joaquim Antonio de Aguiar são obsoletas. Serviram para a occasião. Hoje não servem!

Esta declaração é phantastica. Mas nem por ser phantastica deixa de ser admittida por uma sucia que ensarilha com a liberdade ao sabor das suas conveniencias. Os conventos eram maus no tempo de Joaquim Antonio d'Aguiar. Sessenta e sete annos depois, não! Os tempos mudaram a favor d'elles!

Os jesuitas eram maus ha seculo e meio, e então o marquez de Pombal fez bem em os expulsar.

Hoje os tempos são outros! Podem-se conservar os jesuitas, que já não fazem mal a ninguem!

Mas, diz ainda Marianno, que é o representante na imprensa das opiniões do Hintze Ribeiro: ao menos conservemos os institutos de beneficencia e de caridade.

Mas d'esses institutos dizia Marianno em sessão parlamentar de 16 de março de 1883:

> «Se isto se póde consentir ou tolerar; se se póde consentir que matem o corpo das creanças com pessima alimentação, que lhes pervertam o coração com doutrinas falsas e perigosas, que lhes estraguem a intelligencia com ensinos viciosos e reaccionarios.»

Isto é espantoso. Como estes homens mudam d'opiniões de um dia para o outro! E como o paiz continúa sempre a admira-los, não direi supporta-los, em vez de os correr a pau!

Mudam d'opiniões porque n'elles só ha certa a opinião que beberam na synthese clerical do paiz: a opinião da conveniencia e do interesse atravez de tudo, ou a conveniencia do individuo ou da seita individualisada.

Institutos de beneficencia ou de caridade para quê, se o processo do religioso ou da religiosa está feito, quer no ensino, quer no hospital, por tudo quanto ha no mundo de auctorisado na sciencia?

Se o religioso é pessimo em communidade contemplativa, é pessimo em communidade de beneficencia ou ensino. Disse-o Huber, Paul Bert, Compayré, Arnould, tantos outros estrangeiros. Di-lo em Portugal Costa Simões, Bombarda, Julio de Mattos, Sousa Refoios, Marianno de Carvalho e está-o dizendo o proprio Navarro nas *Novidades*.

A esse respeito não ha duvidas para nenhum espirito desinteressado e culto.

Porque se não hão de cumprir então integralmente as leis ainda em vigor? Para que reforma-las? Para que sophisma-las?

Para que são esses applausos extemporaneos ao rei, esses vivas, essas apotheoses?

Cumpram-se rigorosamente as leis contra as congregações religiosas, dêem-se aos protestantes, judeus, mahometanos e livres pensadores as garantias da liberdade civilisadora e ampla, e o primeiro que applaudirá vivamente o rei, não como rei absoluto, tal qual o pretendem, mas como rei constitucional velando, como a lei lhe impõe, pelo cumprimento da constituição, será quem escreve estas linhas, apezar de abertamente e profundamente republicano.

Sim. Então applaudiremos nós tambem vivamente o chefe do estado como chefe de uma nação livre e civilisadora, juntando os seus esforços ao de todos os portuguezes que querem de Portugal uma patria digna da sua velha historia e das suas velhas tradicções.

Por emquanto é cedo. Nem os antecedentes proximos, nem os remotos admittem expansões de qualquer ordem.

Esperemos, como homens senhores dos seus direitos e do seu juizo.

JUNTA DA BARRA

Reuniu ante-hontem a Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria de Aveiro, tomando-se varias deliberações sobre o andamento dos trabalhos.

Para a direcção das obras foi nomeado, por despacho de 15 do corrente, o engenheiro ajudante, Manuel de Sousa Machado Junior, passando á disponibilidade o engenheiro de 3.ª classe, Carlos Germano Letourneur, que aqui estava desempenhando o cargo de director das obras.

Cartas d'Algures

18 de Abril.

Dizia eu na ultima carta que já não me queixava do clero só pelo que elle faz mas tambem por aquillo que elle deixa de fazer. O clero podia educar o povo religiosamente, mas podia tambem educa-lo civicamente. Podia-lhe ensinar doutrina, mas podia tambem ensinar-lhe os deveres de cidadão. Para isso tinha mil meios, se quizesse. Mas não quer; mas entende que lhe convem precisamente o contrario; mas o seu objectivo é a ignorancia; mas o seu processo é estar sempre do lado dos mais fortes, embora seja esse o lado da iniquidade, do despotismo, da infamia; mas o seu ideal, a sua patria, a sua familia é Roma e só Roma. D'ahi a sua incompatibilidade com qualquer nação e com qualquer familia. D'ahi a sua scisão na humanidade. D'ahi o seu crime, o seu grandissimo crime. D'ahi a sua monstruosidade.

A intervenção do clero na historia de Portugal é a intervenção do clero na historia de todos os povos da terra. Sempre contra a liberdade, sempre contra a sciencia, sempre odiando a luz. Sempre perseguindo os humildes, sempre do lado da força e do interesse. Sempre a favor de Roma, quando houve conflictos entre Roma e a Patria.

Sempre! Sempre!

Na fundação da monarchia não esteve todo elle do lado da mãe contra o filho porque o favoritismo concedido por D. Thereza ao amante lhe irritou a soberba e aos fidalgos, seus alliados constantes. Mas assim que Innocencio III quiz fazer valer a vassalagem a que Affonso Henriques se tinha obrigado, exigindo o pagamento do censo ou tributo, logo elle se collocou do lado de Roma contra Portugal. Todos conhecem a intervenção do clero a favor do papa na pendencia suscitada entre este e o segundo rei dos portuguezes e nas discordias que se levantaram entre o mesmo D. Sancho e o bispo do Porto. O bispo do Porto, o celebre D. Martinho Rodrigues, era o que em linguagem positiva se chama hoje um malandro. Tendo-se revoltado contra elle, depois de anteriores questões, os burguezes do Porto e tendo-se elle recusado, por andar em rixa velha com o rei, a receber processionalmente o principe real quando este visitava a segunda cidade do reino com a sua noiva, D. Sancho apoiou os burguezes, que pegaram em armas e o bispo, cercado, teve de se render á discrição no fim de cinco mezes de assedio. Mas o malandrete conseguiu fugir, interessou na sua causa outros prelados do reino, pediu a intervenção de Roma e se o papa não encontra na sua frente um homem teso, como era D. Sancho I, a causa da independencia nacional, tão recente ainda, teria talvez naufragado.

Em qualquer caso, certo é que a vassalagem, promettida a Roma por D. Affonso Henriques, nunca fôra cumprida, pelo rude e atrevido guerreiro, e que só se tornou efficaz com D. Sancho por o clero se ter collocado do lado do papa contra a nação.

Este é o facto.

Com D. Affonso II seguiu-se a mesma lucta. Tomando o partido das irmãs do rei, difficilmente acreditámos que por motivos de justiça porque nunca foi a justiça que pesou, em tempo algum, no animo dos prelados, a verdade é que aconteceu com D. Affonso II o que aconteceu com seu pae, isto é o rei teve de pagar vinte e oito annos de tributo, que andavam atrasados. Novamente a intervenção do clero veio affirmar a vassalagem de Portugal, vassalagem que o paiz procurava annullar a todo o transe. Como diz Pinheiro Chagas, nunca se pensava no pagamento do censo senão quando *o rei se via por uma circumstancia qualquer dependente do vigario de Christo.*

Mas o clero nunca perdôa. Passam-se seculos e elle persiste nos seus odios e nos seus processos de dominação absoluta. Assim foi que fez pagar a D. Sancho II, desthronando-o, a resistencia audaz que lhe moveram o pae e avô do infeliz monarcha e este mesmo ainda. A má vontade contra a dynastia de Affonso Henriques, diz Alexandre Herculano a pag. 175 do livro IV, tomo II da sua *Historia de Portugal*, começou no reinado de Sancho I entre os parentes e amigos do *nobre bispo do Porto*. Não deu então a desthronisação do rei, e felizmente, porque seria n'essa altura a quéda da recentissima independencia nacional. Não deu então a desthronisação do rei, ainda que não fosse por vontade do clero. Mas, diz Herculano, é esse facto «que virá explicar a desgraçada sorte do successor de Affonso II, que de certo o clero não teria alcançado expulsar de Portugal, se a fidalguia estivesse unida em volta do throno e se n'esta poderosa classe não houvesse muitos que escondiam na alma os proprios rancores e as malquerenças herdadas de seus paes contra a côroa.»

Sim. A fidalguia, porém, esteve sempre e está, como já dissémos, unida á clericalha.

Portanto, o maior trambolho, que os reis da primeira dynastia, que eram homens a valer, encontraram na consolidação da grande obra da independencia nacional, foram os padres, aliás riquissimos e poderosissimos o que só faz avolumar a figura dos reis d'esse tempo, como Schaœfer faz notar na sua *Histoire de Portugal*, traducção franceza do allemão, pag. 87, edição de 1858.

D. Affonso III, apezar de collocado no throno pelos padres e fidalgos que depozeram seu irmão, herdou o odio de familia ao clero e com este continuou em lucta, não se deixando escravisar como o clero pretendia e suppunha.

De D. Diniz até D. João I as luctas com o clero quasi que se localisam no Porto. E' notavel como o espirito d'esta cidade foi sempre rebelde ás absorpções e aos despotismos clericaes. Os portuenses, que já tinham pegado em armas contra o celebre D. Martinho Rodrigues, novamente recorreram á força, no reinado de D. Diniz, contra o bispo D. Fernando Ramires. O rei apoiou os burguezes do Porto. Mas o bispo respondeu insolentemente ao rei que o seu unico superior era o papa. Tal e qual como hoje! Tal e qual como sempre! O papa, que era João XXII, apoiou o bispo. Tal e qual como hoje! Tal e qual como sempre!

O bispo foi vencido e teve de fugir com o bispo de Lisboa, rebelde tambem.

Logo no reinado seguinte o povo portuense voltou ás armas contra o bispo. Honrado Porto! Ainda agora mesmo é elle que levanta, altivo, a bandeira da revolta contra a clericalha!

Reinando D. Affonso IV e sendo bispo do Porto Vasco Martins, atacaram os portuenses o paço episcopal, matando muitos criados do bispo e obrigando este a refugiar-se no castello. O bispo seguiu o caminho dos seus antecessores: fugiu do Porto, que era o unico recurso, e foi para Avignon lançar excommunhões e queixar-se.

O papa nomeou outro bispo, Pedro Affonso, mas os burguezes do Porto revoltaram-se novamente contra elle, porque era tal como os outros, e o bispo, como sempre, só teve um recurso: fugir. E fugiu para a Galliza.

Honrado Porto!

Voltou mais tarde, quando se fez a paz. Mas despota impenitente, provocou novas rebelliões e fugiu segunda vez.

Na guerra da independencia sabe-se como os nobres e o alto clero fizeram causa commum com a Hespanha.

Foi o jesuitismo que provocou a decadencia de Portugal no reinado de D. João III.

Foi o jesuitismo que educou D. Sebastião e que o levou aos campos d'Alcacer Kibir.

Foi um padre, um membro do alto clero, um cardeal, um inquisidor, o rei D. Henrique quem entregou Portugal á Hespanha.

Foi outro padre, outro membro do alto clero, um bispo, D. Antonio Pinheiro, quem se encarregou da vergonhosa missão de declarar em côrtes, em nome do cardeal rei, que o direito de successão pertencia ao rei de Hespanha.

Ninguem ignora como o clero e a nobreza se venderam ignobilmente á Hespanha atraiçoando mais uma vez a causa nacional.

Toda a gente sabe que o clero, depois da heroica restauração de 1640, conspirou infamemente contra a patria, procurando entregar-nos novamente á Hespanha. Foi chefe d'essa conspiração o arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos Noronha e braço direito o inquisidor geral D. Francisco de Castro, acompanhados pelos bispos D. Francisco de Faria e D. Luiz de Mello, pelos ecclesiasticos Manuel Correia e Christovão Cogominho e outros.

Ainda sabe toda a gente como o clero conspirou contra as medidas do grande marquez de Pombal e contra o homem, como lançou o paiz n'um vergonhoso movimento de reacção logo em seguida á morte de D. José!

Foi o clero que educou D. Maria I e seu filho. Foi o clero que aconselhou todos os attentados de D. João VI, entre elles o abandono de Portugal deante da invasão franceza.

Foi o clero quem fez assassinar os unicos officiaes que mostraram aptidões contra Soult, como demonstra Soriano, Pinheiro Chagas e todos os historiadores, que são unanimes n'esse ponto. «Fanatisado pelos sacerdotes, o povo tumultuava por toda a parte, a ninguem obedecia, chamava traidores a todos os generaes, e não attendia senão ás excitações sanguinarias de padres indignos do seu ministerio.» (*Historia de Portugal*, de Pinheiro Chagas, vol. II pag. 250.)

Palavras mais energicas ainda emprega Soriano na sua *Historia da Guerra Civil*.

E em virtude d'essas excitações feitas por *padres indignos* assassinou a plebe, fanatisada, em Braga, o infeliz general Bernardim Freire de Andrade. A seguir foram assassinados o quartel mestre general Custodio Gomes Villas Boas e os officiaes de estado maior D. João Correia de Sá, Manuel Correia Sarmento, Antonio Sarmento Pimentel, Pedro da Cunha Sothomayor, Antonio José de Macedo e Cunha e outros.

No Porto foi assassinado o infeliz general Luiz de Oliveira e 14 pessoas que o acompanhavam. «O bispo, diz Soriano no tomo 2.º—2.ª epocha—pag. 144 da *Historia da Guerra Civil*, via tudo impassivelmente, *reputando as victimas sacrificadas* como outros tantos inimigos, que de menos tinha para a continuação da sua omnipotencia.»

Foi esse bispo, D. Antonio José de Castro, um dos governadores do reino, e dos mais influentes, quem, fugindo com o brigadeiro Parreiras, na noite de 28 para 29 de março de 1809, deixou aberta a ponte do Douro, onde horas depois se sepultaram milhares de infelizes.

Emfim, na epocha das luctas liberaes todos sabem como o clero defendeu, por entre mil atrocidades, a causa do absolutismo.

Isto é, na historia nacional encontrámos sempre o clero contra o paiz em todas as horas de crise. Contra nós nos primeiros tempos da fundação da monarchia. Contra nós nas horas perigosissimas do reinado de D. João I. Contra nós nas horas angustiosas do reinado de D. Sebastião. Contra nós nas horas graves da restauração. Contra nós no momento solemne da invasão dos francezes. Contra nós na epocha sangrenta de D. Miguel.

Sempre contra a liberdade, sempre contra a patria, sempre com os olhos em Roma e no interesse! Sempre odiando a humanidade, sempre fugindo da luz!

Ah! não. Ou este povo está doido, ou este povo está moribundo, ou soou a hora sagrada da quéda definitiva do clericalismo em Portugal.

A. B.

1.º de Maio

A classe operaria aveirense tenciona festejar este anno o 1.º de Maio. Para este fim reuniu já a Associação de Constructores Civis e Artes Correlativas.

O conego Alves Mendes tambem se enfileirou ao lado da reacção contra os liberaes, escrevendo nos pasquins do beaterio bracarense bocados como este:

«Olhando para os desvarios intellectuaes d'uma imprensa sem caracter, sem principios, d'essa imprensa funambulesca, cujas armas são a calumnia deslavada e o insulto soez, lamento os pobres de espirito que, incapazes de reflexão, acceitam como verdades axiomaticas tudo quanto uma raiva odienta e fanatica lhe suggere.»

Dá-nos vontade de perguntar ao illustre luminar do pulpito portuguez, o motivo por que merecem a sua compaixão os pobres do espirito.

Será porque dos pobres do espirito é o reino dos céos?

E a proposito da imprensa sem caracter, sem principios que tão insolitamente despertou as iras do sr. Alves Mendes e lhe fez sair da penna bocados *d'ouro* como o que acima fica, diz o nosso collega portuense, *O Norte* no seu numero de quinta-feira:

«Os homens sem honradez e sem consciencia, que flagella em tão vernaculo estylo, são ainda os mesmos que generosamente lhe permittiram desmentisse a sua assignatura posta n'um manifesto republicano, e aquelles a quem convidou para assistirem á leitura das suas palinodias.

Talvez se esquecesse d'estes pequenos nadas que lhe exalçam o talento e o caracter, o prégador Mendes; mas esquecido, não deve achar extraordinario que na sua honradez se penitenciem os exovalhados dos favores feitos.

«Os que mordem infamemente, merecem ser escorraçados violentemente.»

Com a porta na cara

Affirma-se que o sr. D. Carlos deu ordens terminantes para que no paço não sejam admittidas certos congreganistas—machas e femeas—que por ali andavam quotidianamente em busca de altas protecções, de facil acquisição para elles.

Ainda bem!

Um cão feliz

Em New-York acaba de morrer uma tal Ellen Griffin, solteirona muito rica, que deixou em testamento 50:000 francos exclusivamente destinados aos cuidados do seu cãosinho seu rico companheiro.

Quantos não desejariam ter sido o *tótó* de tão compassiva dama...

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

Carta da Gafanha

—

Meus amigos.

Cá vou mourejando com a sachola no amanho das batatas, do milho e dos feijões e preparando a terra para as aboboras meninas, espinafres, pepinos, etc. Estâmos, portanto, em plenas *cavas*, que são o azafama agricola da epocha—e um trabalho violentissimo, que coincide em todos os annos com o periodo quaresmal, o que vem tornar esse serviço ainda mais penoso.

Os evangelistas da santa religião do Vaticano, para minarem a influencia da côrte de Satan, impõem a esta pobre gente sacrificios, em troca dos quaes lhe auguram uma vida de santissima pandega na côrte celestial. E com essa esperança a embriagar lhe os sentidos e a escurecer-lhe a razão, este povo acceita com stoicismo esses sacrificios que se traduzem na mais severa abstinencia de carne, e em parcas e magras refeições, interrompidas muitas vezes por jejuns rigorosos. Com tão oppostas e arduas circumstancias, é que o agricultor d'aqui empunha uma enxada de cerca de 3 kilos de pezo e cava e semeia uma extensissima zona de approximadamente 100 kilometros quadrados n'um espaço de tempo que não vae muito além do mez de abril!

Trabalho rude, insano e alimentação insufficiente, todos os membros do casal, marido, esposa e os filhos até aos menores que possam levantar a enxada, tomam parte n'esta lucta amarissima, em que a materia raro succumbe!

Eu, ao lado, manejando lentamente a sachola, admiro aquelles musculos de ferro e a alegria infantil d'aquelles espiritos, conjugando o esforço do braço com rythmicos cantares de toada plangente que fremita pelas breves campinas vicejantes e vão ás corollas dos pinheiraes inspirar o gorgeio aos pintasilgos e ás cotovias, ainda entorpecidos pela melancholia do inverno.

* * *

Parece-me que sou eu e o sr. padre Sardo quem lê alguma coisa n'esta aldeola Com a differença de que eu léio jornaes politicos jacobinos e não jacobinos e o sr. padre Sardo, julgo que apenas o seu Breviario.

A ultima nota que me tem feito rir é o movimento jesuitico, o dito anti jesuitico, o decreto do sr. D. Carlos, a commissão liberal, as manifestações populares e as das academias, etc., etc., etc.

O sr. D. Carlos não *reina e governa* só. Sua esposa a sr.ª D. Amelia tambem *reina e governa* alguma coisa. E o monarcha, apezar de ser ainda a unica força viva da nação, no raciocinio do sr. Hintze Ribeiro, collocou-se n'um dilemma angustioso ao dar a celebre resposta á commissão liberal portuense.

O elemento reaccionario, que é todo o elemento que recebe a inspiração do Vaticano, ha de continuar a existir; o sr. D. Carlos tem de recolher ao buxo a sua promessa inconstitucional; os *liberaes* teem só a queixar-se de si, se antes não morrerem damnados deante da improficuidade dos seus gritos.

Desenganem se todos: as leis pombalinas e de Aguiar pódem ser e são facilmente sophismadas: um réles chicaneiro fará cair no ridiculo as mais ferinas arremettidas contra as ordens religiosas. A França, paiz cuja civilisação irradia vivida por todos os cantos do universo, vê se assoberbada pela onda da clerezia, que ameaça afogar o poder civil. O parlamento francez, que está no momento discutindo leis tendentes a coartar a expansão da influencia catholica, terminará a legislatura, sem que os radicaes consigam sequer um palmo de terreno no campo das suas aspirações.

Que querem, pois, os *liberaes* portuguezes obter n'um paiz de brutinhos, como o nosso, onde o cura tem mais força do que o governador civil, e o patriarcha impõe a sua vontade ao parlamento e ao proprio rei?

Que querem os *liberaes* portuguezes fazer n'um paiz, que distribue uma boa parte das suas rendas ao patriarcha, aos bispos, aos conegos, a seminarios, a fabricas de missionarios,

a egrejas, e na construcção e reparação de palacios episcopaes, etc?

E' por isso que eu rio de tanto barulho, e que as coisas hão de ficar como d'antes, ou lá voltarão paulatinamente mesmo conseguindo inutilisar os mais taludos escalrachos reaccionarios, indo na frente o frei José dos Qurações, do patriarchado.

Só uma medida ultra-dictatorial, começando pela separação da Egreja do Estado, e surribando com vigilancia o solo, até ao mais fundo ninho de toupeiras, poderá conter em respeito fóra de portas aquelles que estão hoje inquietando o paiz. Mas quem terá força para empunhar e dirigir essa tranca? Os liberaes que respondam.

* * *

Estava eu na eira a fallar com o meu amigo F. Quespão sobre a baralha dos jacobinos e dos outros da sachristia, quando chegou a tia Joaquininha do sabão, que é o nosso estafeta, com a noticia de haverem tentado lançar o fogo ao convento de Jesus.

Era uma manifestação anti-jesuitica mais ao vivo. Disse a tia Joaquininha que não faltou susto ás senhoras do recolhimento e que a directora quiz no dia immediato abandonal-o, mas que obstaram a isso as senhoras seculares da nobreza d'Aveiro.

Quando os espiritos andam todos desorientados n'este momento historico, um acto irreflectido e illicito, tendo a abonal-o uma tacita desculpa, não deixa todavia de ser um crime.

Lamento no entanto que estes desvarios attinjam os inconscientes instrumentos, em quanto o poder occulto está fóra do alcance da senha popular. Isso é que eu lastimo sinceramente.

Esse *collegio* de Santa Joanna tem a mascaral o a invocação secundaria de collegio de Ursulinas. E quem vol-o impingiu? Foi o bispo-conde, prelado que é um odre de virtudes, e que depois de auxiliar a extincção do bispado de Aveiro, de cuja partilha territorial levou o melhor quinhão, ainda veio achincalhar as tradicções liberaes da patria de José Estevão, introduzindo n'ella elementos nocivos, que já começaram a inquinar a vida moral d'essa cidade.

Ai! o bispo!... o bispo!... Se o Christo de Nazareth voltasse á terra a certificar-se de quem lhe havia falseado os principios da Lei que defendeu até á morte, quantos purpurados não enxotaria elle a azorrague do templo onde elles mercadejam ignobilmente?

Sessão phonographica

Realisou-se na passada terça-feira, pelas 8 horas da noute, no salão do Recreio Artistico, uma sessão phonographica com o grande Phonographo Concerto de Edison.

No salão achavam-se alguns socios do Recreio e bem assim representantes da imprensa local a quem a sessão era dedicada.

O Phonographo Concerto é o melhor que temos ouvido. Reproduz com nitidez o som com todas as suas qualidades, e ouve-se distinctamente a grande distancia, podendo assistir ás audições 10:000 pessoas.

Entre os varios trechos ouvidos, occorre-nos citar: *Dolores*, canção hespanhola; *A gargalhada*, cançoneta; *La paloma; O riso;* e um duetto por Madeira e Harlin.

O Phonographo pertence á casa Ricardo Lemos, rua do Bomjardim, Porto.

No intuito de tornar conhecido o grande Phonographo Concerto, de Edison, vão os representantes d'aquella casa dar audições em varias terras do paiz. Já estiveram em Ovar, e d'aqui dirigiram-se a Coimbra, onde farão ouvir o maravilhoso invento.

Agradecemos o convite que nos foi feito, e aos endinheirados recommendamos a casa Ricardo Lemos, onde, por 200$000 rs., podem adquirir o Phonographo Concerto, com 4 cylindros gravados, á escolha.

THEATRO LISBONENSE

Com a já proverbial concorrencia, representou-se no sabbado passado no Theatro Lisbonense *A Gata Borralheira*, peça magica de grande espectaculo. Lola, Adelaide, Domingos e Rego foram, como era de esperar, justamente applaudidos. Domingos, no seu papel de Florisbello XXIX, fez rir a bom rir, bem como Santos no de Kikiriki.

No domingo houve *reprise* da mesma peça, que é o mesmo que dizer que o Theatro Lisbonense se encheu mais uma vez á cunha.

Na quinta-feira cantou-se a *Mascotte*, que agradou bastante. Adelaide não se saiu mal e Lola, no seu papel de princeza Beatriz, constantemente perseguida pelas pieguices amorosas do principe Benjamim, mais uma vez confirmou que não teem sido immerecidos os applausos que o publico lhes tem dispensado. Germana é que não deveria ter movimentado tanto o desempenho do seu papel. De resto, todos foram applaudidos, e o actor Santos riu bem, mesmo com muita naturalidade, quando no primeiro acto contava a fórma por que Simão XXXX apanhara o mergulho na dórna do mosto.

Bellas noutes as que o Theatro Lisbonense nos está proporcionando. E o publico que as não perde, porque cada novo espectaculo é sempre uma nova enchente.

O raticida Luciano

Regressou do Brazil o celebre raticida Luciano Moreira, que, segundo se disse, foi obrigado pela seita negra a sair de Portugal para não revelar os segredos de que o seu mister o fizera possuidor.

Pelas declarações feitas pela mulher do celebre raticida a um dos redactores do *Mundo*, sabe-se que Luciano Moreira encontrou nos canos da capital 38 cadaveres, só dois dos quaes eram de adultos, e sendo a maioria encontrada no cano da rua das Trinas.

Será bom que o raticida fale e que a justiça investigue. O publico precisa que se rasgue o veo mysterioso que envolve esses 38 cadaveres encontrados, na maioria, no cano da rua das Trinas.

"O NORTE,,

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

Meningite cerebro-espinal

São espantosas as proporções tomadas por este terrivel flagello.

No Porto observou-se o primeiro caso em 17 de fevereiro d'este anno. Pois desde então para cá tem havido 29 casos conhecidos, tendo sido 17 fataes.

Já se deu até nas visinhas um caso fulminante n'uma creança de 10 annos, que, atacada pelo mal, morreu sem mesmo dar tempo de se chamar o medico.

Em Fareja, a 2 kilometros de Castro Daire, deram-se tres casos fataes.

Em Castello Branco deram-se já quarenta e tantos casos, alguns dos quaes foram fulminantes.

A meningite cerebro-espinal, que no principio atacava sómente as creanças, tem agora atacado tambem os adultos.

O abaixamento de temperatura traz como consequencia o recrudescimento do mal.

A analyse a que se tem procedido no liquido cephalo-rachidiano, tem sempre constatado a existencia do meningococo.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.

Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

Guia dos regedores e das juntas de parochia

Contendo toda a legislação em vigor, com respeito ás funcções dos regedores e das juntas de parochia; decisões de tribunaes; modelos para uso de uns e outros, etc, etc; 2.ª edição consideravelmente augmentada.—Preço 240 réis.

Esta obra é do mais alto interesse tanto para as regedorias como para os membros das juntas de parochia, que contém todas as instrucções precisas e esclarecimentos necessarios para cabal desempenho de aquelles cargos.

Pedidos á Bibliotheca Popular de Legislação, rua das Salgadeiras, 48, 1.º—Lisboa.

«O OCCIDENTE»

O n.º 802 d'esta magnifica revista illustrada de Portugal e de Estrangeiro, que acabamos de receber, vem cheio de interesse de palpitante actualidade, em suas gravuras publica os retratos de: D. Maria Thereza de Bragança Tenente Jayme de Sousa Tudella, Maestro Freitas Gazul, Tamagno, Desembarque dos Boers em Lisboa, Praça de Peniche, duas vistas, aonde se encontram os refugiados boeres.

Na parte litteraria figuram os seguintes artigos firmando a Chronica Occidental, D. João da Camara; As nossas gravuras, O Real Theatro de S. Carlos. Francisco da Fonseca Benevides; Tenente Jayme de Sousa Tudella, Eduardo Duarte; Questões sociaes, D. Francisco de Noronha; Lições de photographia; Fá sustenido por Alphonse Karr; Publicações, etc.

PUBLICAÇÕES

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ANNUNCIOS

NOVO HOSPITAL DE AVEIRO

ANNUNCIO

A commissão Edificadora do Novo Hospital d'Aveiro, faz publico que, a contar d'hoje em diante, se acha aberto o concurso por o prazo de 30 dias, para a arrematação do edificio a construir para a casa d'administração do referido hospital, sendo a base de licitação de réis 7:050$000.

Os concorrentes são obrigados a fazer um deposito provisorio de 5 p. c. do valor da empreitada, em metal ou papeis de credito da divida publica fundada, e um deposito de 10 p. c., caso lhes seja adjudicada a empreitada, sendo este deposito feito nas mesmas condições do provisorio.

As condições d'arrematação, caderno de encargos, projecto, etc., acham-se patentes todos os dias uteis em casa do sr. Domingos José dos Santos Leite em Aveiro.

Aveiro, 20 de abril de 1901.

O Presidente da Commissão,

Visconde da Silva Mello.

ANNUNCIO

DIRECÇÃO DAS OBRAS DA BARRA

E

RIA DE AVEIRO

Reparação do molhe sul da barra

FAZ-SE publico que no dia 30 do corrente mez de abril pelas 12 horas do dia, na Secretaria da Direcção das Obras da Barra e Ria de Aveiro, perante a Commissão respectiva, presidida pelo abaixo assignado, terá logar o concurso, por meio de cartas fechadas, para a arrematação do fornecimento de 165,^{m3}000 de pedra britada (quartzo ou silex) para reparação do molhe sul da barra de Aveiro, sendo a base de licitação:

200:000 RÉIS

As condições e encargos da arrematação estarão patentes na Secretaria da Direcção das Obras da Barra e Ria de Aveiro, todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

As guias para effectuar o deposito provisorio, na importancia de 5$000 réis, são passadas na Secretaria da Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria de Aveiro até á vespera do dia da arrematação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 p. c. do preço da arrematação.

Aveiro, 17 de Abril de 1901.

O Engenheiro Director,

Carlos G. Letourneur.

(85) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXVIII

—Seria expores-te á contemplação d'esses cães d'Ismael e de Edom, replicou Isaac em voz baixa, relanceando um olhar desconfiado pela multidão de cavalleiros e escudeiros. Mas já Rebecca tratava de pôr em execução o seu caridoso intento sem escutar o que elle dizia, quando Isaac, agarrando-lhe a manga da samarra, de novo exclamou em voz apressada:

—Pela barba de Aarão! se o mancebo morre! se elle fallecer sob a nossa guarda, não ficaremos responsaveis pelo seu sangue e feitos em postas pela multidão?

—Elle não morrerá, meu pae, respondeu Rebecca,—elle não morrerá, a não ser que nós o abandonemos; e então é que realmente teriamos que responder pelo seu sangue perante Deus e perante os homens.

—Pois bem, disse Isaac largando-lhe a manga, custa-me tanto ver as gottas do seu sangue como se visse sahir da minha bolsa muitos besantes d'ouro; e sei bem que as lições de Miriam, filha do rabbi Manassés de Bizancio, cuja alma está no paraizo, te amestraram na arte de curar e que tu conheces as virtudes das plantas e a força dos elixires. Portanto faze o que te inspirar o teu coração: tu és uma boa rapariga, uma benção, uma corôa e um cantico de alegria, para mim, para a minha casa e para o povo de meus paes.

Todavia as apprehensões d'Isaac não eram infundadas; o procedimento generoso e grato de sua filha expoz esta, na sua volta para Ashby, aos olhares irreverentes de Brian de Bois-Guilbert. O templario passou e tornou a passar na estrada, fixando a formosa judia com olhos atrevidos e ardentes; e já vimos as consequencias da admiração que n'elle excitaram os seus encantos depois que o acaso a fez cahir em poder d'esse voluptuoso sem principios.

Rebecca mandou immediatamente transportar o ferido para a sua habitação provisoria e procedeu por suas proprias mãos ao exame e curativo das feridas. Os jovens leitores que tenham lido romances de cavallaria devem lembrar-se de que n'aquelles tempos d'ignorancia,—como se costuma dizer—, muitas vezes as mulheres eram iniciadas nos mysterios da cirurgia e frequentemente um paladino confiava a cura das suas feridas áquella cujos olhos haviam feito no seu coração uma ferida ainda mais profunda.

Os judeus, porém, tanto homens como mulheres, possuiam e praticavam a medicina em todos os seus ramos; e os proprios monarchas e poderosos barões d'esse tempo se entregavam, quando estavam feridos ou doentes, ao cuidado de algum sabio experimentado pertencente áquella raça desprezada. O seu auxilio era procurado fervorosamente apezar de ser crença geral entre os christãos que os rabbinos judeus conheciam profundamente as sciencias occultas e particularmente a arte cabalistica, que devia o seu nome e a sua origem aos estudos dos rabios d'Israel. Pela sua parte os sabbinos não negavam esse conhecimento das artes sobrenaturaes, o qual nada accrescentava (como poderia fazel-o?!) ao odio que se votava aos seus compatriotas, ao mesmo tempo que diminuia o desprezo de que esse odio era acompanhado. Quer fosse nigromante ou uzurario, um judeu era execrado igualmente, mas não desprezado do mesmo modo.

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazeus do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os fregueses com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—*AVEIRO*

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

NOVA MERCEARIA

GENEROS ALIMENTICIOS DE PRIMEIRA QUALIDADE

ARMANDO GOMES

34 LARGO DA RIA 40

* AVEIRO *

Carimbos de borracha

OS MAIS NITIDOS, PERFEITOS E DURAVEIS

Para industriaes, commerciantes, particulares e repartições publicas.

Fazem-se com promptidão e por preços modicos, na officina de guarda-soes e candieiros, de

M. G. Soares dos Reis

19—R. dos Mercadores—23

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

traducção de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume **300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não póde olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

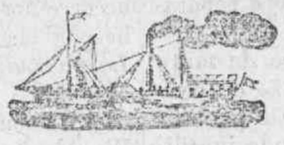
Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

82—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SÓ A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.